

## Anotações Livro Azul - 11/05/2023

\_Visa trazer anotações iniciais sobre uma primeira leitura d'O Livro Azul\*\*[i]\*\*\_

\_Substantivação\_ : Wittgenstein nos chama a atenção, na primeira página (p 21), para uma prática que leva a erros filosóficos, qual seja, ao tratar de um substantivo procurar por um objeto associado. Aqui parece uma espécie de crítica à ostensão[ii], quando uma palavra é significada apontando para uma coisa e também visa marcar um objeto, defini-lo de forma fixa e não pelo dinamismo da linguagem. Um antídoto a essa prática seria reformular perguntas que se referem ou buscam por coisas por perguntas que buscariam por uma explicação de palavras ou conceitos para fugir do objeto. Na verdade, mesmo a ostensão não garante o significado, já que a interpretação pode variar. (Por exemplo, eu aponto para algo no céu que chamo avião, mas você pode chamar disco voador.) Por outro lado, há um uso mistificador da linguagem (p 29) que nos confunde quando tratamos de certos substantivos, como o tempo e queremos verificar a sua natureza[iii] tendendo-se a diviniza-lo.

\_Frege\_ : entendemos que há uma crítica ao conceito de sentido posto por Frege, que seria algo que daria vida à linguagem, ao invés de meros signos inertes, porém que pareceriam direcionar a algo imaterial, quando Wittgenstein entende que o sentido vem da utilização da linguagem. Aí teria uma referência implícita a Occam, ao se questionar por que a adição de um sentido animaria aquele signo. Evita-se o sentido pela utilização e a frase ganha vida pela linguagem. Na verdade, os mais variados sentidos são descobertos pelo uso em cada caso particular, em cada contexto e é pela gramática que o sentido pode ser explicado.

Depois de falar sobre dificuldades na compreensão gramatical, \_jogos de linguagem\_ aparecem como simplificações de linguagem (p 44), próximos de uma linguagem primitiva ou daquela usada pela criança e que não envolveriam pensamentos complexos, permitindo desnudar o uso da linguagem habitual e que se mostrarão, a bem da verdade, similares ao de uma linguagem mais complicada.

Ele trará um \_método\_ de análise linguística (p 61) que não se aterá a qualquer tipo de significado verdadeiro para uma palavra, mas que mostra que seu sentido é sempre dado por alguém e que são expressos pela linguagem comum, mas perfeita que uma linguagem ideal. E também um método que rejeita que há um processo mental de pensamento como uma instância além do seu mero caráter de expressar o pensamento, isto é, o ato mental não passa de manipulação dos

símbolos pela linguagem. Ele remete a velha distinção entre um mundo mental e um mundo físico, sem que nos esqueçamos de que nossas certezas pessoais ou mesmo estados psíquicos podem nos levar a um excesso de subjetivismo, ao passo que proposições sobre objetos físicos pode sem comprovadas pela experiência.

Temos certeza de quão rasas são essas primeiras notas da obra e o quão incerto meu entendimento, o que nos instiga a futura leitura detida, mas falemos dos tão polêmicos dados dos sentidos que nosso autor traz ressaltando a atitude metafísica e que parece desmistificar o idealismo / solipsismo. Para ele, o metafísico aproxima os \_dados dos sentidos\_ e que seriam privados, aos corpos físicos, tratando ambos como verdades científicas, como que expressando aquela indubitável certeza. Mas, não seriam eles, os dados dos sentidos e o objeto físico uma e a mesma coisa? Isso ele parece dizer (p 114), quando compara os dados visuais de uma árvore com a árvore física. Ora, sem os dados visuais dela, a árvore deixaria de existir? Finalizemos com a citação: “Ora, o perigo que corremos quando adotamos a notação dados dos sentidos é o de esquecermos a diferença entre a gramática e uma declaração sobre dados dos sentidos e a gramática de uma declaração, exteriormente semelhante, sobre objetos físicos.” (p 123).

\* \* \*

[i] WITTGENSTEIN, L. \_O Livro Azul\_. Lisboa: Edições 70, 2018. Anotações expressas..

[ii] Como sendo o sentido.

[iii] Santo Agostinho recebe uma crítica mais a frente por querer “medir o tempo” (p 58) – tempo que é sempre fugidio....